

Autor: Francisco Bezerra

LIÇÕES QUE PODEMOS APRENDER DA HISTÓRIA

PROJETO
TIMÓTEO

Estudo disponível no site: projetotimoteo.org.br

ALGUMAS LIÇÕES QUE A HISTÓRIA PODE NOS ENSINAR

Francisco Bezerra

A história não é a base para a nossa fé. Mas, da observação do desdobramento de alguns fatos relevantes, podemos aprender algumas lições preciosas. Ou pelo menos, compreender como chegamos à nossa realidade. Com este pensamento, vamos observar alguns aspectos importantes da história primeva da igreja.

O ânimo dos discípulos de Jesus mudou radicalmente ao testemunharem a sua vitória sobre a morte. Assustador, mas extremamente entusiasmante. Eles o haviam sepultado e chorado a sua morte. No entanto, ali estava Jesus, comendo com eles mais uma vez, e explicando os acontecimentos dos últimos dias à luz das profecias antigas. Os discípulos puderam ver e tocar nas marcas do seu corpo sacrificado. Não há o que duvidar: o Mestre está vivo!

"E Jesus disse a Tomé: Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia". Disse-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu! Então Jesus lhe disse: Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram". (João 20.27-29 NVI)

Estranhamente, o temor que sentiam de morrer pelas mãos dos romanos, que havia assombrado seus corações nos últimos dois dias, já não existia mais. E, embora ainda estivessem tentando compreender o significado de tudo aquilo, o importante é que agora o Senhor Jesus estava com eles. Ele estava dizendo que logo irá embora, mas que permanecerá com eles todos os dias. Não fazia muito sentido. Jesus falava do Reino, dizendo que servirão de testemunhas a todo Israel, e aos confins da terra, anunciando-o como Filho de Deus e a sua mensagem de esperança e vida eterna. Então, ele falou também que alguns tentarão silenciá-los. Outros quererão matá-los. Mas, aquilo não parecia importar muito para nenhum dos irmãos. Cada um dos discípulos sentia o coração arder na confiança em um Deus que tem domínio sobre a vida e a morte. (Ap 1.18)

Os dias passaram muito depressa enquanto eles estavam na companhia do Cristo de Deus, revivendo os ensinamentos recebidos nos últimos três anos, ouvindo suas palavras de vida e testemunhando o poder e o amor de Deus em

tudo que ele fazia. Contudo, uma vez mais, chegou a hora de Jesus se despedir deles. E, tão assombrosamente quanto a sua ressurreição, ou, tanto quanto o dia em que o viram andar por sobre o mar, agora o viram ser erguido nos ares, ouvindo a seguir, na voz de um anjo, a promessa de que o veriam voltar sobre as nuvens.

"Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir". (Atos 1.9-11 NVI)

Depois destas coisas, conforme a orientação recebida do Senhor, os discípulos permaneceram em Jerusalém, esperando por um sinal. Eles não faziam ideia do que esperar, mas tinham certeza de que saberiam quando chegasse o momento.

O sinal veio no dia de Pentecostes, um domingo. Sim, em um domingo como aquele em que o Deus Pai ressuscitou seu Filho Unigênito. A nação de Israel tinha em seu calendário três grandes festas nacionais: a Páscoa, o Pentecostes e a Festa das Trombetas. A Festa do Pentecostes era celebrada no dia seguinte ao sétimo sábado após a oferta dos primeiros frutos colhidos. A celebração do Pentecostes era em um domingo. (Lv 23.15-23)

Naquele domingo, o Espírito Santo foi derramado sobre os apóstolos, como se uma ventania houvesse invadido a sala onde estavam, e havia línguas de fogo sobre a cabeça deles. Sinais que marcaram aquele domingo com grande poder. Sinais que marcaram o primeiro sermão da igreja, sendo a voz do Espírito ouvida e compreendida por milhares de judeus da diáspora, oriundos de treze nações, que estavam em Jerusalém por ocasião das festas. O resultado imediato foi a redenção de quase três mil judeus que, crendo na pregação daquela manhã, rogaram pela salvação, e foram batizados para a remissão de pecados, conforme a orientação dos apóstolos. (At 2)

Os apóstolos com um ânimo totalmente renovado pela ressurreição do Mestre e pelo cumprimento da promessa do Espírito Santo derramado sobre eles, muito diferente dos homens tímidos que fugiram e se esconderam na noite em que Jesus foi traído, logo passaram a pregar a salvação do Messias a todos em Jerusalém. Suas vozes destemidas eram frequentemente ouvidas na proclamação de uma mensagem vigorosa e entusiasmante. A pregação dos apóstolos era ousada e

persistente, e logo provocou a ira dos corações empedernidos da liderança de Israel, gerando uma violenta perseguição à igreja. (At 3.12-26; 4.8-12; 32-33)

Os anos que se seguiram foram marcados por ferozes perseguições a todos que professavam publicamente sua fé em Cristo. Em um primeiro momento, as perseguições vieram por meio dos judeus que viam a igreja como um ramo heterodoxo dos ensinamentos da doutrina judaica. A dinâmica da narrativa de Lucas nos confere uma noção da rapidez com que os líderes judaicos articularam seus ataques à igreja de Deus. Pedro e João foram presos várias vezes, ameaçados, açoitados. Pouco tempo depois Tiago foi executado. E, então, Estevão foi morto apedrejado até a morte, tornando-se o primeiro mártir da igreja (At 7.60). A morte de Estevão desencadeou a primeira grande perseguição que assolou os santos, de forma que foram dispersos por todas as regiões da Judeia, Galileia e Samaria, restando em Jerusalém somente os apóstolos (At 8.1). À esta época, um fariseu chamado Saulo protagonizou as perseguições aos cristãos, até que teve um encontro com Jesus (At 9.1-25), vindo a deixar a posição de algoz e tornando-se fervoroso discípulo de Cristo, inclusive, mudou seu nome, passando a chamar-se de Paulo. Os judeus, porém, não diminuíram suas empreitadas contra a igreja de Deus, o próprio Paulo foi preso inúmeras vezes, açoitado, e por várias ocasiões, tentaram matá-lo.

Como se não bastasse a obstinação dos judeus, o império romano, começando com Nero, seguido de muitos de seus sucessores, empreendeu perseguições ainda mais terríveis aos cristãos. A tradição histórica do cristianismo conta como muitos membros do colégio apostólico foram torturados e mortos sob a perseguição romana. Apenas como exemplo, Pedro e André foram crucificados, Paulo foi decapitado, Bartolomeu foi esfolado vivo, e João foi torturado e depois desterrado na ilha de Patmos.

Por mais de dois séculos, a igreja de Deus foi banhada pelo sangue de homens e mulheres, cuja única acusação era sua fidelidade à esperança eterna em Cristo Jesus. Milhares de santos foram torturados e assassinados da maneira mais desumana. Mais uma vez, apenas para que se tenha ideia do significado das tribulações que os irmãos tiveram que suportar neste longo período, veja-se o registro de alguns historiadores daquela época:

“... uma grande multidão foi condenada não apenas pelo crime de incêndio, mas por ódio contra a raça humana. E, em suas mortes, eles foram feitos objetos de esporte, pois foram amarrados nos esconderijos de bestas selvagens e feitos em pedaços por cães, ou cravados em cruces, ou incendiados, e, ao fim do dia, eram queimados para servirem de luz noturna”. (Tácito)

“Sob o imperador Décio, muitas perseguições se levantaram contra o nome de Cristo, e houve tamanha carnificina de fiéis que eles não podiam ser contados. Bábilas, bispo de Antioquia, com seus três filhos pequenos, Urbano, Prilidan e Epolon; e Sisto, bispo de Roma, Lourenço, um diácono, e Hipólito tornaram-se perfeitos pelo martírio porque mantiveram sua confissão no nome do Senhor’. (Gregório de Tours)

“Neste tempo, Antimo, que então presidia a igreja de Nicomedia, foi decapitado por seu testemunho de Cristo. E a ele se juntou uma multidão compacta de mártires quando nesses mesmos dias, e sem saber-se como, deflagrou-se um incêndio no palácio imperial de Nicomedia. Ao suspeitar-se falsamente e correr o boato de que havia sido provocado pelos nossos, a uma ordem imperial, os cristãos daquele lugar, em tropel e amontoadamente, uns foram degolados a espada, e outros acabaram pelo fogo. (...) Os verdugos, por sua parte, amarravam outra multidão a umas barcas e a lançavam aos abismos do mar. (...) Mas não muito depois, havendo alguns tentado, na região chamada Melitene, e outros inclusive na Síria, atacar o império, saiu uma ordem imperial de que em todas as partes se encarcerasse e acorrentasse os dirigentes das igrejas. (...) E o espetáculo a que isto deu lugar ultrapassa toda narração: em todas as partes se encerrava uma multidão inumerável, e em todo lugar os cárceres, anteriormente aparelhados, desde antigamente, para homicidas e violadores de tumbas, transbordavam agora de bispos, presbíteros, diáconos e leitores, até que não sobrasse lugar ali para os condenados por suas maldades. (...) Como, repito, neste caso alguém poderia enumerar a multidão de mártires de cada província...? (...) Pelo que, os mártires portadores de Cristo, procurando os dons maiores, suportaram todo trabalho e toda classe de invenções de tormentos, não uma só vez, mas alguns até duas vezes, e ainda que os guardas rivalizassem em ameaças contra eles, não só por palavra, mas também por obra, não abandonaram sua resolução, por aquele cujo amor perfeito lança fora todo o temor. E que discurso bastaria para enumerar sua força e seu valor em cada tormento? Porque, como todo aquele que o quisesse tinha permissão para ultrajá-los, uns os golpeavam com paus, outros com varas, outros com açoites, outros com correias e outros com cordas. O espetáculo das torturas variava e continha em si muita maldade, porque alguns eram pendurados do potro, com as duas mãos

amarradas às costas, e por meio de certas máquinas distendiam-lhes todos os membros, e estando assim, os verdugos, a uma ordem, se enfureciam com seus corpos em sua totalidade, não somente nas costas, como se costumava com os assassinos, mas castigavam-nos com suas armas defensivas, inclusive no ventre, nas pernas e nas faces. Outros eram pendurados do pórtico atados por uma só mão; a tensão das articulações e dos membros era mais terrível que qualquer dor. Outros, por fim, eram atados às colunas cara a cara e sem pousar os pés no chão: com o peso do corpo, as ataduras se tensionavam e apertavam fortemente. (Eusébio de Cesareia)

Não obstante ao terror das atrocidades que foram infligidas aos cristãos por meio das perseguições deste período, em muitos aspectos, as provações produziram efeitos que beneficiaram a igreja em relação ao seu desenvolvimento e crescimento.

Em primeiro lugar, por mais improvável que possa parecer, as dificuldades serviram para temperar aqueles que foram verdadeiramente convertidos a Jesus. Ao mesmo tempo, serviu em grande parte para purificar o corpo da igreja. Diante da intensidade das provações, somente discípulos com uma profunda certeza de sua fé permaneciam na igreja. Se alguém estivesse no meio da igreja despido de uma conversão sincera, não resistiria à perseguição que logo chegaria à sua porta, revelando sua real natureza, cuja hipocrisia, além de dar mal testemunho aos de fora, se prestava unicamente a atar mais um fardo aos ombros de irmãos sinceros.

“Um dos efeitos das tribulações pelas quais os cristãos desse período passaram foi uma igreja purificada. As perseguições mantiveram afastados todos os que não eram sinceros em sua profissão de fé. Ninguém havia permanecido no corpo da igreja por causa de lucro ou de popularidade. Quem tivesse o coração dividido entre a fé e a segurança deste mundo deixava a igreja; apenas aqueles que floresceram abertamente em Cristo estavam dispostos a manter sua fidelidade até a morte. As perseguições peneiraram a igreja, separando o joio do trigo”. (Hurlbut)

Em um período de cerca de duzentos e cinquenta anos houve dez grandes perseguições empreendidas ao comando dos imperadores romanos, intercaladas por tempos de paz. Cada uma mais violenta e cruel que a outra. Mas, nem

a truculência das perseguições, a ameaça de perecer nas garras das feras do coliseu, nem a divinização dos imperadores, a política insana de delação dos cristãos iniciada por Marco Aurélio Antonino, ou o decreto da autodivinização de Domiciano e o conseqüente fortalecimento da autoridade dos sacerdotes do culto ao imperador, e nem mesmo as convidativas ofertas de anistia feitas por Décio para remir aqueles que abandonassem a fé em Cristo; nada disso teve um resultado eficaz para deter a igreja. Contrário sensu, neste longo período de tribulações, a igreja cresceu com admirável rapidez. Os estudiosos estimam que já havia mais de cinco milhões de cristãos antes do final do segundo século.

Por outro lado, no início do século IV a história da igreja tem o seu curso modificado de forma inesperada. Constantino, o Grande, filho de Constâncio Cloro, se tornou o imperador de Roma, após sua vitória contra as legiões de Magêncio na batalha da Ponte Milvio, em 312 dC. Professando, em seguida, sua fé em Cristo. E, por isso, passou a favorecer os cristãos através de seus decretos imperiais. No ano seguinte emitiu o conhecido Édito de Tolerância, pondo fim à perseguição à igreja do Senhor Jesus. Pouco tempo depois, promulgou seu decreto estabelecendo o cristianismo como religião oficial do império. Evidentemente, estas medidas produziram alguns bons efeitos para a igreja. Como a liberdade para adorar a Deus publicamente e seu Édito de Constantino, declarando o domingo como dia de repouso, pois, é o Dia do Senhor (321 dC). A sociedade, de forma geral, também foi beneficiada por seus decretos, como por exemplo, a crucificação como método de pena capital foi abolida e a escravidão, desencorajada.

A rigor, podemos considerar o fim da perseguição à igreja em si mesmo como uma grande bênção. Contudo, cabe salientar que, assim como as perseguições proporcionaram um refinamento na fidelidade dos membros da igreja, o favor imperial e a crescente popularidade do cristianismo da era Constantino, mostrou-se uma triste armadilha para a igreja de Deus e para a sã doutrina.

Ao alçar à condição de religião oficial do império, praticamente todo o povo procurou associar-se de alguma forma com a igreja, inclusive os ricos e os políticos. A maioria, porém, estava mais motivada pelo interesse em conseguir algum tipo de vantagem, do que para atender o clamor do evangelho. Logo, ser membro da igreja passou a ser uma condição social, ao invés do testemunho de vidas resgatadas pelo sacrifício do Salvador. E o culto, por sua vez, deixou de ser adoração a Deus, ao ser inflado com práticas e costumes adotados do mundo religioso de então, que perfaziam o agrado da nova membresia, cujo compromisso não estava nem na vida dedicada à "adoração espiritual e verdadeira" (Jo 4,23-24), tampouco à obediência à sã doutrina (2 Tm 4.3). Vale a lembrança de que, por mais de dois séculos, milhares de irmãos fiéis foram torturados e mortos por rejeitarem a mesma idolatria que agora

estava entrando pela porta da frente em grandes e suntuosas catedrais, deixando o Filho de Deus do lado de fora. (Ap 3.20)

A partir dos desvios doutrinários originados naquele período da história, a igreja ramificou-se, passando um sentido diferente de seu propósito original às gerações seguintes. O resultado foram divisões, cismas, movimentos, reformas, restaurações. Nos dias atuais, igrejas tem nomes, placas, slogans, visões e credos absolutamente diversos do padrão neotestamentário. Por isso, em nossos dias, igreja pode ser simplesmente um ponto de referência para encontrar um endereço, ou sinônimo de grandiosos projetos arquitetônicos de estilo europeu ou barroco, outros cheios de vitrais, eiras e beiras. Os cultos são espetáculos dramáticos, bem elaborados para agradar o seu público. Extravagâncias audiovisuais, glossolalia e interação se tornaram mais distintivos do culto do que qualquer elemento presente na adoração da igreja descrita pelas páginas do Novo Testamento. A música, então, tornou-se um show à parte, guitarristas que se sobressaem às vozes, bateristas que fazem mais barulho que as guitarras, cantores que cobram caro cachês para “cantar para Deus”. E, do púlpito, pregações eivadas por doutrinas de uma cultura evangelicalista comprometida com o antropocentrismo e com o teísmo aberto, tendo como assuntos favoritos a teologia da prosperidade, o avivamento, a unção, e até os demônios. Pregadores que propõem barganhas com Deus, ou fazem do púlpito um palco de stand up. O fator resultante desta complicada combinação é um povo sem entendimento, mais obediente aos seus líderes do que à Palavra, tolerante a todo vento de doutrina, ao passo em que resiste à verdade com determinação e valentia.

O Senhor Jesus pagou o alto preço da redenção humana por meio de seu próprio sangue, para que, crendo em seu nome e em sua obra sacrificial, cada um dos remidos fosse digno de tomar para si, diante do Pai, o nome de cristão, como filhos obedientes, distintos do mundo e unidos uns aos outros pelo vínculo do amor fraterno (Jo 3.16; 17.22-23; 1 Co 6.20; 7.23; 1 Jo 3.23-24; Ap 5.10). Assim, igreja de Jesus, deve ser pura, sem mancha e nem ruga, com adornos de santidade, digna de ser apresentada ao Pai, como a noiva de Seu Filho (Ef 5.27; Ap 21.9-10). A adoração racional, vocação desta igreja santa, é o singelo fruto de lábios e de um coração puro, da maneira e com atos que a compuseram em seu princípio, conforme descritos pelas Escrituras inspiradas pelo Espírito, para a glória de Deus e para a edificação do corpo da igreja, em sujeição plena ao padrão da sã doutrina, que foi entregue de uma vez por todas às mãos dos apóstolos (Cl 3.16-17; 1 Co 12.15, 19, 22, 26; 1 Tm 3.15; Hb 13.15; Jd 3). E a pregação da Palavra, no púlpito ou no exercício da grande comissão, seja uma semente incorruptível para cada nova geração, guiada pela sabedoria do Espírito de Deus, anunciando o Messias crucificado, ressuscitado e assento à destra de Deus, para o despertar da fé, para a salvação eterna dos que diariamente se perdem, para a edificação dos santos, para o louvor e glória do Senhor e não do homem. (Rm 1.16-17; 10.8-11, 17; 1 Co 1.18-25)

Por fim, a história realmente não é a nossa autoridade em termos teológicos ou doutrinários. Isso está bem claro. Mas a possibilidade de olhar para o passado nos permite enxergar com clareza a maneira como os homens se desviaram do padrão doutrinário estabelecido por Jesus para sua igreja. Ao passo que, diante de uma análise sincera, podemos decidir por voltar à Palavra de Deus, ao início da igreja nela descrita, ao seu padrão distintivo estabelecido pelo Mestre Divino. Observar o legado que o Senhor deixou aos apóstolos para que eles fielmente transmitissem a homens fiéis, perpetuando-a pelo Santo Espírito de Deus. De forma que, cada um de nós, através do testemunho das Escrituras, pode desprender-se do viés das religiões a fim de reproduzir, hoje, a mesma mensagem, a mesma adoração, a mesma fidelidade, a fim de sermos a igreja pela qual o Santo de Deus entregou sua vida em sacrifício, e cujo viver leva o nome de Jesus a toda criatura, salvando a todos que, crendo de coração, sejam batizados nas águas e levantados para uma vida nova para a glória de Deus, à semelhança da morte e da ressurreição do Senhor, enquanto aguardamos pelo dia em que seremos recebidos no Céu para o cumprimento de nossa esperança: vida eterna.

- - -

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tacitus, Publius Gaius Cornelius – Annales – Século I

Eusébio de Cesareia – História Eclesiástica – Século III

Gregório de Tours – A História dos Francos – Século IV

NEWMAN, Dorman – The Lives and Deaths of the Holy Apostles, Printed Publishing - London, GB – 1685

BARROS, Aramis de – Doze Homens, Uma Missão – Editora Hagnos – São Paulo, SP – 2006

GREENE, Michael – Evangelism in the Early Church – Eerdmans Publishing – Grand Rapids, MI – 1970

HURLBUT, Jesse Lyman – The Story of the Christian Church - Zondervan Publishing House - Grand Rapids – MI – 1918

STEGEMANN, Ekkehard W; Wolfgang – História Social do Protocristianismo Editora Sinodal - São Leopoldo, RS – 2004

CARRIÉ, Jean-Michel; ROUSSELE, Aline – L'Empire Romain en Mutation: des Sévères à Constantin – Editeur Seuil – Paris, FR – 1999